

**Linguagem, escrita e inteligência artificial:
um périplo reflexivo entre Agostinho, Platão e o presente**

Maria Leonor Lamas de Oliveira Xavier
Universidade de Lisboa
Portugal

O que é que une Santo Agostinho, Platão e o presente, a propósito da inteligência artificial? A ligação é aqui tecida por via de uma atitude mista, de reserva e fascínio. Em Agostinho, encontra-se essa atitude mista perante a linguagem verbal: educado na retórica clássica, Agostinho tornou-se crítico do uso e abuso retórico da linguagem (*De Magistro*; *Confessionum* I-IV), mas acabou por converter o valor da linguagem verbal e o saber da retórica ao serviço da pregação cristã (*De Doctrina Christiana*). A escrita já estava integrada, para Agostinho, como linguagem segunda relativamente à fala. Foi, porém, a respeito da escrita que Platão manifestara maiores reservas (*Fedro*). No entanto, também Platão se convertera à escrita, como evidência a ampla produção escrita que nos legou em forma de diálogo, e, desse modo, introduziu o diálogo, como género literário da escrita filosófica. No presente, também somos tomados por uma atitude mista, de reserva e fascínio, perante a inteligência artificial, que é uma nova tecnologia da escrita. O que vamos fazer com ela? Convertê-la a bons fins ou vamos nós converter-nos a ela?